

SIBE Junior (2): La música como generadora de identidades

Sala de Juntas - Modera: Isabel Llano Camacho

Clube do Choro de Paris: processos e dinâmicas em torno de um gênero musical brasileiro

Marcelo Leite Nascimento

O presente texto trata do Choro, um gênero musical urbano surgido no Brasil em meados do século XIX, que ao longo das décadas passou por diversas transformações, ganhando uma significativa projeção no continente europeu a partir do início dos anos 2000, através do crescimento de espaços performativos (rodas de choro), festivais, concertos e processos de institucionalização, traduzidos em “Clubes de Choro” espalhados pelas principais cidades europeias. “Club du Choro de Paris”, “Wiener Choro Klub”, “Clube do Choro de Barcelona”, “Roda de Choro de Munique”, “Casa dello Choro”, “Clube do Choro de Lisboa”, são algumas dessas ações organizadas em torno do gênero. Através de uma pesquisa etnográfica ao longo de três anos, proponho evidenciar especialmente neste trabalho, ações desenvolvidas pelo Clube do Choro de Paris durante os mais de vinte anos de atividades em torno do gênero na capital francesa. Parto da ideia do Choro como um processo social, formado por uma cadeia de pessoas que está sempre construindo um sentido sobre este fazer musical, desta forma, traço um diálogo com Antonie Hennion (2002) através do conceito de mediação, assim como, apropriação cultural, outro conceito que se mostra importante nesta pesquisa, mais precisamente através das ideias do filósofo James Young (2008), por nos possibilitar ver a apropriação mais como uma forma de compartilhar do que de tomar. Apresento também, as iniciativas pedagógicas desenvolvidas neste contexto de hibridação social e musical.

O trabalho tem como base minha investigação de doutorado, onde desenvolvo pesquisa multi-situada em comunidades e instituições na Europa que realizam atividades formais e informais em torno do Choro.

A (in)visibilidade de mulheres instrumentistas no Brasil: Ações de resistência no século XXI

Luciana Fernandes Rosa

Este trabalho lança um olhar sobre a luta por visibilidade e protagonismo de mulheres instrumentistas e compositoras no Brasil e o papel das redes sociais neste processo. A partir do início do século XX a discussão em torno da reduzida participação de mulheres instrumentistas no Brasil, tanto na música de concerto como na música popular, ganhou força sobretudo pela formação de diversos coletivos de mulheres musicistas e sua divulgação em redes sociais.

Academicamente, trabalhos relacionando música e gênero também ganharam projeção em eventos como o Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música (ANPPOM) em 2018 e no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia em 2021. Desde 2010 diversos agrupamentos de mulheres musicistas se fortaleceram e ampliaram sua atuação, como os coletivos Clarinetistas +, o Coletivo Mulheres Choro SP, Mulheres Concertistas, Mulheres Sambistas e Mulheres Violonistas. Todos estes grupos mantêm-se ativos nas redes sociais (sobretudo no Instagram) e conectam-se através de aplicativos de mensagens. O perfil Frequência Dissonante no Instagram, formado por mulheres de diversas atuações na música, traz estatísticas da pouca atuação de mulheres nas orquestras, nos eventos acadêmicos de música e nos festivais de Jazz, Choro e outros em música popular. A atuação constante desses coletivos e páginas apontando as desigualdades de gênero no país tem motivado as organizações dos eventos a repensarem suas curadorias, provocando até o cancelamento de eventos em que não houve